



Gramáticas do engajamento vegano: novas moralidades em ascensão

Felipe da Luz Colomé

O presente artigo configura-se como parte de um estudo¹ que aborda a emergência do veganismo no contexto brasileiro. O veganismo pode ser compreendido enquanto um conjunto de práticas e uma ideologia que tem como prescrição a abstenção do consumo de produtos de origem animal. Não obstante sua característica mais marcante pela abstenção de produtos de origem animal na alimentação, o veganismo vai muito além dela, visto que abrange a adoção de um estilo de vida que implica desde o vestuário até o consumo de produtos de beleza, cosméticos e farmacêuticos não testados em animais, sem nenhum tipo de matéria-prima de origem animal ou ainda outras atividades que envolvam a exploração de animais para diferentes fins.

No contexto brasileiro sua constituição é recente, entretanto, diversos grupos intitulados veganos estão organizados e realizam campanhas de forma articulada, pautados por um discurso abolicionista² que defende que é necessário abolir e combater o consumo de alimentos e produtos de origem animal, bem como a utilização de animais não humanos nas demais atividades econômicas e científicas. Contudo, é perceptível um contingente crescente de adeptos ao veganismo que não fazem parte de grupos organizados. Além disso, o veganismo pode se percebido como um caso exemplar do consumerismo político atualmente.

O consumerismo político tem sido descrito como um fenômeno histórico caracterizado principalmente pela utilização dos bens de consumo como estratégia de intervenção nos mercados e na política (HILTON, 2003).

Tendo como ponto de partida tais pressupostos, o objetivo do presente estudo é investigar o veganismo como um caso pertinente para a compreensão desse

¹ O artigo é fruto da pesquisa de doutorado em sociologia, pela Universidade Federal do Rio grande do Sul que tem como tema as práticas e discursos sobre o veganismo no contexto brasileiro e canadense.

² Este discurso, utilizado por Singer (2004) realiza um paralelo entre o racismo e o especismo, este último termo é utilizado por ele para definir o preconceito dos seres humanos em relação às demais espécies. Conforme o filósofo tais preconceitos seriam similares na medida em que se baseiam em aparência exterior, portanto se o ser em questão não possui aparência igual a do discriminador, não tem seus interesses atendidos do ponto de vista moral.



fenômeno, visto que ele parece materializar críticas aos valores e práticas sociais associados à utilização de animais, principalmente relacionadas à alimentação, em diferentes mercados. Através dos aportes da sociologia pragmática francesa, principalmente os trazidos por Boltanski e Thévenot (1991), problematiza-se quais são os valores que presidem o engajamento de adeptos do veganismo. Na pesquisa de campo, desenvolvida no estado do Rio Grande do Sul, foram realizadas entrevistas em profundidade com adeptos do veganismo (tanto adeptos engajados em grupos como aqueles não engajados) onde foi possível, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa³, identificar a configuração de um regime axiológico crítico aos padrões vigentes de produção e consumo que implicam na utilização de animais.

Nestes termos, o presente estudo identificou a ascensão de novas gramáticas morais associadas ao veganismo que passam a contestar de diferentes maneiras as relações entre humanos e animais, bem como a contestação dos valores sociais vigentes que dão sustentação às práticas de produção e consumo que se utilizam da exploração de animais, com ênfase nos valores sociais que sustentam os padrões da alimentação contemporânea baseada no consumo de alimentos de origem animal. Além disso, o estudo identificou a ascensão de uma grandeza ambiental ou ecológica, na esteira da proposta de Lafaye e Thévenot (1993), bem como na articulação de uma *cité* que possa reconstituir a ordem de grandeza que diz respeito ao interesse geral, ou seja, a *cité* cívica, visto que o discurso crítico dos veganos propõe uma recomposição radical da noção de direito, que passaria a incluir a noção de direitos animais como um novo princípio normativo que deve nortear o direito e as ações humanas de forma geral.

Em uma primeira dimensão, As gramáticas morais que governam os engajamentos dos veganos entrevistados apontam para a constituição de argumentos e posicionamentos críticos, não somente à utilização dos animais em diferentes processos de produção e consumo, principalmente de alimentos, mas que

³ Foram realizadas 23 entrevistas no ano de 2015. Depois de transcritas, os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de tipo categorial (não apriorística).

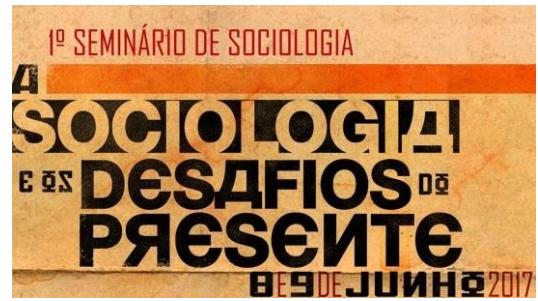


também se dirigem à composição e lógica de funcionamento característico dos grandes conglomerados empresariais transnacionais. Portanto, os atores focalizados ancoram seus argumentos em defesa do veganismo, justificando o engajamento, com críticas que contestam os mercados.

Nestes termos, estas críticas realizadas pelos atores focalizadas podem ser percebidas em relação às lógicas prevalecentes de produção, distribuição e consumo relacionadas com os grandes conglomerados, principalmente relacionados às indústrias de alimentos. Neste sentido, os atores ouvidos tecem críticas, tendo como de partida o veganismo, às lógicas prevalecentes e legitimações que dizem respeito à uma grandeza mercantil, nos termos da abordagem da sociologia pragmática. Deste modo, é possível observar como são mobilizados argumentos para a crítica ao que se considera injusto, neste caso, as transações econômicas e mercados que tem por base a utilização de animais.

É perceptível como os veganos ouvidos lançam mão de argumentos e provas que transitam de uma ordem de grandeza à outra, como é o caso da crítica à ineficiência de produção de proteína animal em virtude do desperdício de recursos, onde mobiliza-se uma justificação relacionada à uma grandeza industrial, qual seja, a eficiência técnica, para a crítica aos mercados e empresas de produção animal. Portanto, é possível destacar que os atores em questão mobilizam argumentos de determinada ordem de grandeza para o tensionamento de uma outra ordem, construindo críticas de maneira a não só justificar seus engajamentos, mas questionar práticas de mercado percebidas socialmente como legítimas e racionais, dentro de uma grandeza mercantil, por exemplo.

Nesta ótica, um ponto relevante observado nas falas dos entrevistados sobre suas vivências e percepções relacionadas ao veganismo, diz respeito à contestação dos valores e convenções sociais que legitimam a exploração dos animais pela humanidade para diversos fins, principalmente econômicos. Diferentes autores têm discutido sobre a questão da expansão dos limites da mercantilização admitidos pelas sociedades, observados em muitos mercados em expansão, como é o caso



das práticas de cuidado, de direitos sociais, na área da saúde, dos relacionamentos, especialmente na área da reprodução humana (ZELIZER, 2010; STEINER, 2004). Contudo, no caso em lume, os adeptos do veganismo entrevistados ao contestarem moralmente a utilização dos animais para fins econômicos, materializam em suas práticas e falas uma tendência oposta ao alargamento das práticas sociais e esferas da vida que passam a ser objeto de mercantilização, ou seja, buscam colocar limites morais para os processos de objetificação atinentes à transformação dos animais em produtos à disposição nos mercados.

O estudo identificou também a configuração de uma gramática moral que diz respeito a uma *cité* ambiental. Esta gramática está presente nos discursos dos praticantes do veganismo, ressaltando a configuração e ascensão de uma grandeza ambiental (THÉVENOT; MOODY E LAFAYE, 2000). Os argumentos mobilizados pelos veganos entrevistados orbitam principalmente em torno das noções de meio ambiente e ecologia, direitos animais, relacionamento entre humanidade e animais, preservação ambiental, especismo. Estas noções são mobilizadas e estão presente em grande parte das críticas e argumentações em defesa do veganismo. Portanto, eles utilizam argumentos e críticas que buscam evidenciar o veganismo como uma saída para a crise ambiental, como por exemplo, no que toca à dieta alimentar vegana, percebida como a mais correta em termos ambientais, que seria de baixo impacto ambiental, mais sustentável e que por fim deságua em críticas ao caráter antropocêntrico e predatório que permeia e dá sustentação à exploração animal.

Em consonância, percebe-se a possível ampliação do pressuposto da *cité* cívica, ou seja, da incorporação dos direitos animais na noção de interesse geral, que carrega uma crítica ao modelo de direito antropocêntrico, através da ideia de libertação animal. Parece claro que o regime axiológico em questão articula gramáticas morais que contestam o lugar ocupado pelos animais no âmbito do direito, bem como pelo caráter antropocêntrico que tem norteado as relações entre a humanidade e a natureza. Nestes termos, parte das gramáticas morais percebida nos discursos dos veganos entrevistados aponta para a tentativa de recomposição



da *cité* cívica, buscando ampliar as considerações éticas e morais para os animais não humanos ao propor que estes também devem ter seus direitos fundamentais observados, o que implica uma forte contestação das convenções sociais relacionadas ao tema e por fim, a reconfiguração da noção de bem comum.